



**O SIGNIFICADO E O SENTIDO NA UNIDADE DA TRADUÇÃO**  
**THE MEANING AND SENSE IN THE UNIT OF TRANSLATION**

**Elena Beliakova<sup>1</sup>**  
**Zoia Prestes<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O artigo aborda aspectos relativos à unidade da tradução na formação de tradutores. Apresenta algumas opiniões a respeito e faz críticas a algumas traduções da obra de Jorge Amado, realizadas para a língua russa. Relata fatos históricos sobre a tradução na Rússia. Discute também as questões de significado e sentido na obra de L.S. Vigotski e aponta para possíveis formas de trabalhar no campo de formação de tradutores.

**PALAVRAS-CHAVES:** Tradução, unidade da tradução, significado, sentido.

**ABSTRACT:** The paper approach aspects on unit of translation in training of translators. Presents some reviews and critical about some translations the work of Jorge Amado, performed to Russian language. Reports historical facts about the translation in Russia. Also discusses the issues of meaning and sense in the work of L.S. Vigotski and points to possible ways of working in the field of training of translators.

**KEYWORDS:** translation, unit of translation, meaning, sense.

Uma das questões problemáticas na teoria da tradução, que, de um certo modo, diz respeito à formação de tradutores, é a definição da unidade da tradução. Claro está que não podemos traduzir um texto completo, seja *Guerra e paz*, de Tolstói, ou um conto pequeno, sem dividi-lo em pequenas partes. Em conseqüência, para traduzir um texto corretamente, o tradutor deve destacar de modo adequado as unidades de tradução. No entanto, a solução precisa dessa questão – a de destacar as unidades da tradução – os autores de livros sobre a teoria da tradução não gostam de abordar. Tentativas de resolver de alguma forma esse problema, apresentando-se a definição da unidade de tradução, confundem ainda mais o tradutor iniciante.

O pesquisador russo Ia.I. Retsker afirma que não existe o problema da unidade da tradução, pois, em cada caso concreto, ela pode ser a palavra, o sintagma, a expressão, o parágrafo e até mesmo o texto que se traduz. Porém, se desejamos empreender um exame

<sup>1</sup> Doutora em Filologia, Professora da Universidade Federal de Tcherepovets (Rússia), tradutora das obras de Jorge Amado para o russo belena@tchercom.ru

<sup>2</sup> Mestre em Educação, Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB) zoiaprestes@yahoo.com.br

**Elena Beliakova**  
**Zoia Prestes**



científico da questão, essa afirmação carece de sentido, uma vez que não é possível imaginar uma grandeza que, dependendo das circunstâncias, pode ser equivalente a horas, metros, quilos ou amperes.

Um outro ponto de vista está expresso no livro de Revzin e Rozentsveig. Esses autores consideram que a unidade da tradução depende do par de línguas envolvidos: aquilo que é a unidade na tradução do russo para o francês pode não existir na tradução do russo para o alemão. Isso significaria o mesmo que começar a examinar a pena em “penugens”, o ferro em “ferrinhos”. Fica claro que tal solução para o problema da unidade da tradução também é inaceitável.

Trabalhos mais recentes (em particular, o de Komissarov *A tradução contemporânea*) propõem-se a considerar como unidade da tradução o texto como um todo. No entanto, essa definição da unidade de tradução não pode ser aceita do ponto de vista metodológico, pois elimina-se a diferença entre a parte e o todo, o que, na prática, não se sustenta.

Por que os teóricos contemporâneos da tradução encontram-se num beco sem saída? Para compreender isso é necessário analisar a história dessa questão.

Na Idade Média, os tradutores cristãos da literatura espiritual consideravam a palavra como unidade de tradução, pois estavam convencidos de sua essência divina: a palavra estava em Deus e a palavra era Deus. Na cultura da Idade Média, a palavra era vista como a imagem da coisa dada por Deus. Para não deturpar a realidade extralinguística, o tradutor era obrigado a reproduzir cada palavra do original na unidade de seu significado e de sua forma. Para a conservação da identidade da palavra na tradução, freqüentemente, as ligações sintáticas e o sentido das orações eram rompidos. Por isso, na literatura clerical, há tantos trechos obscuros. No entanto, para os leitores daquela época a “obscuridade” do significado não queria dizer nenhuma deficiência: os leitores sentiam prazer em ler e reler os livros sagrados, encontrando neles um sentido misterioso.

No Renascimento, surgiu a necessidade da tradução laica, basicamente da literatura científica. Então, o mais importante passou a ser a conservação do sentido. Novas tarefas para a tradução levaram a uma nova compreensão da sua unidade - a oração.

Na Rússia, o primeiro partidário da teoria gramatical, quando a palavra não era considerada a unidade de tradução, e sim a oração, foi o patriarca Nikon. Por ordem dele foram revistas as traduções da Bíblia e do Evangelho, nas quais ele encontrou muitos erros e, em função

**Elena Beliakova**  
**Zoia Prestes**



disso, realizou, nos anos sessenta do século XVII, a reforma que dividiu o país nos seguidores da nova e da velha crença. Foi essa questão, à primeira vista, tão inocente – o que considerar como unidade de tradução – que levou a uma cisão irreconciliável na sociedade russa.

Nos séculos XIX e XX, a tradução artística passou a ser o centro da atenção. Os teóricos e os práticos da tradução compreenderam que uma oração, isolada do contexto da obra como um todo, assim como a palavra, também poderia deturpar essa obra.

Nos meados do século XX, ficou evidente que as unidades dos diferentes níveis da língua, tais como a palavra, a expressão, a locução adversativa e frases inteiras não poderiam ser unidades da tradução, pois, em função da não-correspondência entre as estruturas das diferentes línguas, a tradução literal deturparia o sentido do texto inteiro.

O que é a unidade? É a estrutura mínima de um todo que não deturpa o sentido deste. Relativamente à tradução, deve ser uma parte do texto que, ao ser traduzida, não deturpe o sentido do texto inteiro. Mas a tradução de palavras isoladas, de expressões e de orações, freqüentemente, deturpa o texto do autor.

Ao examinar a relação entre a palavra e o pensamento, Vigotski pode ajudar nesse debate. A questão da unidade no método da investigação científica é discutida no seu trabalho *Michlenie e retch* (traduzido no Brasil sob os títulos *Pensamento e linguagem* e *Construção do pensamento e da palavra*<sup>3</sup>). Ao falar da análise psicológica nos estudos do pensamento e da fala, o estudioso diz que a unidade, diferentemente dos elementos, é um resultado da análise que possui as principais propriedades características do todo, que, por sua vez, é resultado de partes vivas indivisíveis dessa unidade. Então, o que é essa unidade que não pode ser dividida e que contém as propriedades do pensamento verbal? Vigotski responde a essa pergunta, dizendo que a unidade do pensamento e da fala pode ser encontrada na parte interna da palavra, em seu significado. Portanto, para esse pensador, a análise é importante para identificar a menor unidade que ainda conserva as propriedades do todo.

Ao discutir se o significado da palavra, que representa uma unidade indivisível dos processos de pensamento e da fala, é um fenômeno do pensamento ou da fala, Vigotski afirma

---

<sup>3</sup> Essa obra de Lev Semionovitch Vigotski tem duas edições no Brasil. A primeira é: VIGOTSKI, L.S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Tradução do inglês por Jefferson Luiz Camargo; a segunda é: VIGOTSKI, L.S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução do russo por Paulo Bezerra. A primeira é mais propriamente a tradução de um resumo, feito em inglês, e publicada nos Estados Unidos. A segunda, além de ser tradução direta do russo, foi feita do texto integral do autor.



que a palavra, livre do significado, não é palavra, mas apenas um som vazio. Conseqüentemente, o significado é uma propriedade da própria palavra. Então, podemos analisá-la como um fenômeno da fala. Porém, a palavra é uma generalização, ou um conceito e toda generalização é um ato de pensamento. Logo, a palavra é também um fenômeno do pensamento. Pode-se concluir, diz Vigotski, que o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno da fala e do pensamento:

O significado da palavra é um fenômeno do pensamento na medida em que está relacionado à palavra e nela encarnado; mas é fenômeno da fala na medida em que a fala está relacionada com o pensamento que é esclarecido por ela. (VIGOTSKI, 2001, p. 281).

Para esse estudioso, a palavra não está sempre relacionada somente a um determinado objeto, mas a um grupo ou classe inteira de objetos. Por isso, cada palavra representa uma generalização oculta; cada palavra já é uma generalização e, do ponto de vista psicológico, o significado dela representa, antes de tudo, uma generalização. No entanto, a generalização é um ato verbal do pensamento que reflete a realidade de forma diferente de como é sentida ou percebida. (VIGOTSKI, 2001, p. 12).

Uma discussão interessante apresentada por Vigotski está relacionada ao sentido que atribuímos às palavras. Para ele, na fala interna, o sentido predomina sobre o seu significado. Na fala interna, ou para si mesmo, a palavra é muito mais carregada de sentido do que na fala para o outro, ou externa. O significado e o sentido, para Vigotski, não são a mesma coisa.

O sentido da palavra é sempre uma formação dinâmica, fluente, complexa, que possui várias zonas de estabilidades diferentes. O significado é somente uma das zonas de sentido que a palavra adquire no contexto de alguma fala e, além do mais, uma zona mais estável, unificada e precisa. Como se sabe, em diferentes contextos, a palavra modifica facilmente o seu sentido. O significado, ao contrário, é o ponto imóvel e imodificável que permanece estável, em contextos diferentes, com todas as mudanças do sentido da palavra. (...) O significado real da palavra não é constante. Numa operação, a palavra insurge com um significado; em outra, ela adquire outro. Essa dinâmica do significado leva-nos ao problema de Paulhan sobre a relação entre significado e sentido. A palavra tomada separadamente de um vocabulário não tem somente um significado, que não é nada mais que a potência que se realiza na fala viva, na qual o significado é apenas a pedra na edificação do sentido. (VIGOTSKI, 2001, p.328)

**Elena Beliakova**  
**Zoia Prestes**



No conto de Jorge Amado, *O gato malhado e a andorinha sinhá* (1976), há um personagem – o Vento – que é vadio e mulherengo. Sua brincadeira preferida era arrancar as folhagens das árvores. No português, árvore é do gênero feminino e, assim, a brincadeira do personagem tem em si um aspecto erótico. Ao traduzir árvore para a palavra *derevo* que, no russo, é do gênero neutro, a tradutora Liliana Brevern destruiu a imagem do herói, transformando o Dom Juan em bandido.

A respeito do Vento circulam rumores, murmuram-se suspeitas, dizem-no velhaco e atrevido, capadócio a quem é perigoso dar ousadia. Citam-se as brincadeiras habituais do irresponsável: apagar lanternas, lamparinas, candeeiros, fífós para assombrar a Noite; despir as árvores dos belos vestidos de folhagens, deixando-as nuinhas. Pilhérias de evidente mau gosto; no entanto, por incrível que pareça, a Noite suspira ao vê-lo e as árvores do bosque rebolam-se contentes à sua passagem, umas desavergonhadas.” (AMADO, 1976, p. 11)

Na tradução russa, uma vez que a palavra *árvore* (*derevo*) pertence ao gênero neutro, o comportamento das árvores, no episódio, fica completamente comprometido. Assim, a tradução literal de uma palavra deturpa a imagem de um personagem e, conseqüentemente, de uma obra inteira.

A tradução literal de uma unidade fraseológica também leva à deturpação da obra traduzida. No romance *Capitães da areia*, também de Jorge Amado (1973), diz-se de um personagem: “O gringo andou ruim. Quase bate trinta e sete. Andou por pouco” (p. 142). A. Bogdanovskii compreendeu a expressão “bater trinta e sete” de um modo equivocado, traduzindo literalmente todo o trecho e deturpando a situação descrita no livro. Em sua versão, revela-se que o menino começou a se recuperar: “O gringo nosso ainda está mais ou menos, apesar de se arrastar. A temperatura manteve-se em trinta e sete”. (AMADO, 1986-1987, tomo 1, p. 367).

Um outro exemplo da mesma obra de Jorge Amado demonstra que uma frase inteira isolada do texto pode deturpar o sentido da obra. No capítulo A noite dos Capitães da areia, diz-se o seguinte sobre o personagem João Grande: “Vai curvado pelo vento como a vela de um barco.” A tradução literal para o russo transformou isso no seguinte: “Caminha torto com a curva do vento” – sem sentido algum! O tradutor Bogdanovskii entende e traduz a frase da seguinte forma: “O vento frio sopra a seu encontro e João Grande se curva sob ele como se fosse a vela

**Elena Beliakova**  
**Zoia Prestes**



de uma jangada de pescador.” No entanto, o leitor russo, ao ler essa frase, pode pensar que o personagem está simplesmente bêbado e isso deturpa o texto.

Então, o que pode ser definido como unidade de tradução, se nenhuma unidade dos níveis da língua pode ser considerada como tal? Provavelmente, não resolveremos essa questão se formos pelo caminho tradicional, se buscarmos a unidade da tradução entre as unidades de outras unidades lingüísticas. A teoria da tradução precisa definir suas próprias unidades.

Na tradução, sempre nos deparamos com um texto, não importa que seja oral ou escrito. Por isso, para resolver o problema da tradução será útil abordar a teoria do texto. De acordo com essa teoria, com a ajuda do texto, o autor transmite uma determinada informação, codificando-a com um código específico, sua língua. O leitor, por sua vez, deve haurir a informação, ou seja, decodificá-la. Em seu trabalho, o tradutor realiza essas duas funções: inicialmente, decodifica o texto como leitor, haurindo dele a informação; depois, codifica-a novamente, mas com outro código. Então, a tradução é a re-codificação da informação de uma língua (código) em outra.

Disso pode-se concluir que traduzimos não palavras, não expressões e nem frases, nós re-codificamos a informação. Por isso, a unidade de tradução pode ser definida como a unidade da informação. A informação pode ser de dois gêneros: primeiramente, a informação objetiva sobre o mundo circundante; em segundo lugar, a informação da imagem que expressa as relações daquele que fala com a informação objetiva, a avaliação, o pensamento e o sentimento do autor. Evidentemente, a informação do primeiro gênero está na informação científica, na literatura informacional; a informação do segundo gênero está na obra artístico-literária. Conseqüentemente, a unidade da tradução depende do tipo de texto que é traduzido. Os textos que contém a informação do primeiro gênero transmitem informação lógica, ou seja, o pensamento do autor. Então, a unidade desse tipo de textos pode ser um pensamento concluído.

Nos textos em que predomina a informação do segundo gênero (obra literária) o principal são os sentimentos, os ânimos e as vivências. Como o autor consegue que o leitor sinta o mesmo que ele? Para isso o autor encontra palavras que, diante do olhar mental do leitor, desenharam um quadro, ou seja, criam uma imagem. Quanto mais viva for a imagem, mais fortemente ela influencia o leitor. A imagem é a lembrança das sensações passadas e não somente das visuais. A eficácia da imagem está baseada na reprodução, na consciência, por meio dessa imagem, de sensações passadas; ela reaviva lembranças de sensações visuais, auditivas e outras recordações e vivências. A percepção torna-se viva e concreta. O reflexo do mundo na consciência do homem é

**Elena Beliakova**  
**Zoia Prestes**



a imagem primária. A literatura cria a imagem secundária, gerada não pela realidade objetiva, mas pelo texto. Por isso, a parte do texto que reproduz na consciência do leitor a imagem inteira pode ser considerada a unidade de tradução da literatura artística. A tradução de uma imagem isolada não deturpará o sentido de um texto inteiro: a tradução das imagens de uma situação concreta, de comportamentos, de descrições da natureza compõe a imagem dos heróis; as imagens de heróis criam a imagem de toda a obra; as imagens das obras criam a imagem do autor. Conseqüentemente, estrutura-se a hierarquia das imagens, na qual a tradução correta de cada uma isoladamente leva à tradução correta de todo o texto e, ao contrário, a deturpação da imagem primária pode provocar a compreensão equivocada de uma obra inteira.

A imagem como unidade da tradução é objetiva, universal; ela não depende do par de línguas que participam da tradução e nem do gênero da obra traduzida. De forma análoga, um pensamento traduzido corretamente permite transmitir sem deturpações o sentido de um texto com informação do gênero primário.

Por isso, os professores de teoria da tradução devem:

1. Ensinar os estudantes a definir o tipo de informação que contém o texto traduzido;
2. Isolar as partes do texto que contém a imagem ou um raciocínio finalizado;
3. Extrair toda a informação que está contida nesses trechos;
4. Refletir sobre os conceitos de significado e sentido.
5. Escolher o código correto que recriará essa informação sem perdas na tradução.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, J. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor**. Rio de Janeiro: Record, 1976, p.11.

AMADO, J. **Capitães da Areia**. São Paulo: Martins, 1973, p.142.

AMADO, J. **Sobranie sotchinenii v 3 tomakh**. Moskva: 1986-87, t.3, p. 443.

AMADO, J. **Sobranie sotchinenii v 3 tomakh**. Moskva: 1986-87, t.1, p. 367.

ARNOLD, I.V. **Stilistika sovremennogo angliiskogo iazika**. Moskva: 1990, p. 41.

KOMISSAROV, V.N. **Sovremennoie perevodovedenie**. Moskva: 2000.

RETSKER, Ia.I. **Teoria perevoda e perevodcheskaia pratica**. Moskva: 1974.

Elena Beliakova  
Zoia Prestes



REVZIN, I.I., ROZENTSVEIG, V.Iu. **Osnovi obchego i machinogo perevoda.** Moskva: 1964.

VIGOTSKI, L.S. **Michlenie e retch.** Moskva: Labirint, 2001, p. 11.

VIGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. Tradução do inglês por Jefferson Luiz Camargo.

VIGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000. Tradução do russo por Paulo Bezerra.